



A CLASSE POPULAR NA PÓS-GRADUAÇÃO E O USO DE RESUMOS BIOGRÁFICOS NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Edilene Dayse Araújo da Silva Urbano¹
Rebeca Oliveira Sousa²
Fernanda Rocha de Oliveira³
Adir Luiz Ferreira⁴

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa doutoral acerca das experiências dos estudantes de origem popular nos programas de pós-graduação *stricto sensu*. A fim de compreender as complexas estratégias para a aquisição de novos marcadores de afiliação e capitais simbólicos, realizamos um estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte que, dentre as metodologias de coleta dados, destacou-se as 12 entrevistas semiestruturadas com estudantes de origem popular. Em articulação com os pressupostos da Entrevista Compreensiva (KAUFMANN, 2013), construímos resumos biográficos sobre a trajetória pessoal, escolar e acadêmica de cada interlocutor. Como resultado, esse recurso metodológico propiciou um panorama abrangente de cada ator social, para além dos fragmentos significativos de falas dos entrevistados. Com inspirações no jornalismo, por meio das produções de Vilas Boas (2002; 2008), concebemos os resumos biográficos, com ares literários, mas fidedignos, como uma poderosa ferramenta analítica e interpretativa.

Palavras-chave: Resumo Biográfico, Estudantes das classes populares, Pesquisa em Educação.

INTRODUÇÃO

O campo acadêmico-científico é um lugar de conflitos, relações e constantes disputas. Os agentes, nessa nova realidade, independentemente de suas origens sociais, precisam reconstruir a si mesmos, em um complexo processo de (re)socialização e apreensão de *habitus* acadêmicos ainda mais rebuscados. Adaptar-se e sobreviver nessa arena requer dos estudantes populares, principalmente, o aprendizado das regras do jogo (ditas e não-ditas).

A tese doutoral, que inspirou o presente trabalho, foi defendida em 2021, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte na área da sociologia da educação e tem como título “Quando a opção é continuar: estratégias de socialização e permanência de estudantes populares na Pós-Graduação”. O estudo defendeu a importância da socialização na permanência de estudantes oriundos das classes populares na pós-graduação *stricto sensu*, mais especificamente nos programas de mestrados e doutorados acadêmicos.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, edilenedayse@gmail.com;

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, rebeca.oliveira@urca.br;

³ Especialista em Docência do Ensino Superior (UNIJUAZEIRO), fernanda-arq@hotmail.com;

⁴ Professor orientador: Pós-Doutorado em Educação - Professor Titular - Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação. Coordenador do Grupo de Pesquisa (CNPQ): "ECOS-Escola Contemporânea e Olhar Sociológico" - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, adirlfer@gmail.com.



O *locus* de pesquisa foi a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com os seguintes programas delimitados, subdivididos em três áreas: HUMANAS (1) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e (2) Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); TECNOLOGIA (3) Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química (PPGEQ) e (4) Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPECM) e BIOMÉDICAS (5) Programa de pós-graduação em Ciências da Saúde (PPGCSA) e (6) Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia (PPGPsicob).

Os mestrados e doutorados acadêmicos constituem-se com novas regras e realinhamentos de condutas universitárias. Os ideais de autonomia e autodisciplina são aumentados e os *habitus* acadêmicos, já consolidados como elitistas na época da graduação, pela experiência da escolaridade avançada diante do contexto educacional brasileiro, transformam-se na pós-graduação em versões ainda mais desafiadoras. Como uma das metáforas *bourdieusianas* (BOURDIEU, 1975; 2004; 2013; 2014), os “jogadores” sobreviventes dos cursos superiores, que também se veem como os vencedores evolutivos no meio ambiente da Universidade, são lançados posteriormente na realidade da “seleção natural” dos programas das pós-graduações. A maioria dos novos agentes no campo possuem um bom repertório de capitais simbólicos e conhecem as regras da sobrevivência no jogo, inclusive as ocultas. Mas nenhum “jogador”, por mais que se sinta preparado e confiante, saberá previamente o que as partidas exigirão.

Diante de uma temática tão complexa, o uso dos Resumos Biográficos buscou adentrar o universo das estratégias de socialização e sobrevivência na pós-graduação, de atores oriundos das classes populares, apresentando as suas jornadas escolares, familiares, acadêmicas e pessoais. A fim de apresentar os caminhos do estudo, destacaremos, a seguir, a metodologia, referenciais teóricos e resultados da pesquisa.

METODOLOGIA

Metodologicamente, é importante delimitar quais foram os principais critérios para identificação dos interlocutores como populares e, destacaram-se, as seguintes características: Terem estudado boa parte do ensino básico em escolas públicas; Pais com baixa escolaridade e profissões de pouco prestígio social; Renda igual ou inferior ao valor da três salários mínimos.

O estudo iniciou-se com duas metodologias aplicadas concomitantemente: a Etnografia e a aplicação de questionários. May (2004), ao tratar sobre o olhar etnográfico, destacou o fato de muitos considerarem uma postura fácil em uma exploração científica, mas estão muito

enganados. Além de olhar, escutar e escrever, o pesquisador precisa ter em mente que as aplicações e análises serão exigentes e difíceis.

Urpi Montoya Uriarte (2012, p. 1), ao escrever sobre “o que é fazer etnografia para os antropólogos”, destacou o quanto “fazer etnografia”, adotar a “perspectiva etnográfica”, “etnografar” estão na “moda acadêmica”. A autora faz a ressalva importante que se for compreendida apenas como método, a etnografia, realmente, está acessível a todo e qualquer pesquisador. Entretanto, citando Peirano (apud PEIRANO, 2008, p. 3), defende que ela não é apenas uma metodologia, “mas a própria teoria vivida”. Assim, a teoria e a prática estão emaranhadas e, portanto, inseparáveis. Contudo, Uriarte enfatiza que a realidade sempre ultrapassará os conceitos, ou seja, o campo sempre surpreenderá o pesquisador.

O método da etnografia requer um constante processo de estranhamento e (des)familiarização, anotações de acontecimentos que pareceriam comuns em outras circunstâncias e o mais desafiador que é ter a ciência que “quando o trabalho de campo termina, o trabalho em si continua”. Apesar desses percalços, May (2004) destaca que é um dos métodos mais recompensadores por gerar compreensões impressionantes sobre o mundo social e ajudar a transpor diversas lacunas interpretativas acerca dos grupos.

Para que nosso propósito fosse alcançado, estrategicamente, pesquisamos no site SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) todas as turmas em vigência no respectivo semestre, consultando o horário da aula e local. Feita essa triagem, no dia e localidade designados no sistema, solicitamos aos docentes a aplicação dos questionários nos minutos finais ou iniciais das aulas.

Foi uma fase de estudos muito adversa. Diversas turmas consultadas tinham, por exemplo, apenas 4 estudantes matriculados e não se reuniam nos locais divulgados formalmente no SIGAA. Foram inúmeras tentativas para que conseguíssemos um número amostral superior a 120 questionários. Após a aplicação de 133 questionários em 6 programas de pós-graduação das áreas das Humanas, Exatas e Biomédicas, selecionamos 12 entrevistados (6 mestrandos e 6 doutorandos) classificados como de origem popular.

A principal metodologia para a realização das entrevistas semiestruturadas foi a Entrevista Compreensiva (KAUFMANN, 2013). O autor francês defende que, com rigor científico, o momento da entrevista deve ser semelhante a uma conversa, sem a necessidade de perguntas fechadas, mas guiado por blocos temáticos definidos previamente, mas flexíveis. É primordial destacar que nos estudos de origens sociais, uma das categorias mais importantes diz respeito às trajetórias profissionais e escolares dos pais. Assim, dentre todos os requisitos, este foi o de maior destaque.



Após os exames cuidadosos e a tabulação dos dados dos questionários, evidenciou-se os interlocutores com os requisitos para serem entrevistados. A partir de contatos prévios e mediante os aceites de participação, as entrevistas foram marcadas. A preferência de local para a entrevista era a UFRN, mais especificamente a sala do meu orientador: pelo silêncio e privacidade. Entretanto, nas ocasiões em que a sala estava ocupada ou que o entrevistado sugeriu outra localidade, diversos setores da universidade foram cenários das conversações. Apesar da multiplicidade, os locais sempre eram reservados e sem nenhuma presença, exceto a minha e a do interlocutor.

Nesse momento, o pesquisador não é orientado a fazer longas anotações sobre o que é relatado, como o que se faz em um interrogatório ou consultório psicanalítico, mas voltar a sua atenção aos gestos, olhares, as pausas e todos os indícios que também representam significados. Outra premissa determinante foi o fato da entrevista ser considerada o ponto de partida do estudo, não sendo orientado que o pesquisador realize extensos referenciais teóricos para poder iniciar o seu trabalho de campo. Esse postulado articula-se com os ideais epistemológicos que guiaram o nosso estudo.

O primeiro ponto foi pedir, no ato da realização das entrevistas, que cada interlocutor escolhesse o seu próprio pseudônimo com nomenclaturas ligadas à sua área de conhecimento. Para garantir mais o sigilo, em toda a entrevista, se fosse preciso chamar o entrevistado pelo nome, era utilizado o pseudônimo. As entrevistas foram realizadas em encontros únicos e, após o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de autorização para Gravação de voz, as entrevistas foram iniciadas e gravadas.

Com as entrevistas realizadas e com áudios gravados, no momento da escrita dos resultados, surgiu a necessidade de apresentar os sujeitos de um modo mais sensível e escolhemos os RESUMOS BIOGRÁFICOS, um recurso do jornalismo, para compor o estudo. Inspirado nas produções de Vilas Boas (2002; 2008), dedicamos um capítulo da tese para conter os 12 resumos biográficos de cada entrevistado, com a trajetória familiar, profissional e acadêmica de cada um (ao todo, foram 32 laudas dedicadas a esse fim), sendo os seus pseudônimos: Felipa (mestranda das Ciências Sociais), Carmen (doutoranda das Ciências Sociais), Lygia (mestranda da Educação), Rousseau (doutorando da Educação), Fibonacci (mestrando do Ensino de Ciências e Matemática), Nina (doutoranda do Ensino de Ciências e Matemática), Fogler (mestrando da Engenharia Química), Helena (doutoranda da Engenharia Química), Rosalind (mestranda das Ciências da Saúde), Roberts (doutorando das Ciências da Saúde), Ramalho (mestrando da Psicobiologia) e Sarah (doutoranda da Psicobiologia).

Seguidamente, identificaremos as tipologias categorizadas a partir das experiências vividas dos interlocutores: amparado, vulnerável, orgulhoso, retraído, culto e superficial.

Produzir cada um dos 12 resumos biográficos foi uma das partes mais difíceis do estudo e demoradas. É uma enorme responsabilidade construir uma escrita, em poucas laudas, que sintetizem a vida de outra pessoa. No mestrado, além do quadro de entrevistados e fragmentos significativos ao longo dos escritos, apresentei o resumo da trajetória dos 6 interlocutores utilizando-me de um parágrafo para cada. Em contrapartida, as transcrições foram publicadas na íntegra, nos apêndices. No doutorado, decidimos trazer mais sobre os atores sociais entrevistados, no próprio texto da tese: destacando-os em um capítulo. Afinal, como assumido desde as primeiras linhas, as experiências vividas pelos interlocutores de origem popular constituem uma parte fundamental do estudo e, por meio dessa postura, tentamos representar ainda mais o merecido lugar de destaque dos entrevistados.

Nos resumos biográficos, após a escrita do pseudônimo, formação, idade e estado civil, explicou-se para o leitor a escolha do pseudônimo e quem foi o(a) homenageado(a). Acreditamos que os pseudônimos, escolhidos pelos sujeitos, permitem uma maior humanização para além das siglas P1, P2, P3, por exemplo, que vários estudiosos ainda adotam. Ainda sobre a estrutura do trabalho, após as apresentações gerais dos participantes, os resumos biográficos seguiam com a seguinte montagem: Estrutura familiar na infância e adolescência: profissão dos pais e vida escolar; Ingresso na universidade; Entrada e permanência na pós-graduação.

Um dos principais desafios da realização dos resumos biográficos, com ares literários, é justamente a capacidade de síntese das vivências dos sujeitos, de uma maneira fidedigna, retratadas nas entrevistas compreensivas. Entretanto, destaca-se que a metodologia é de grande valia no que se refere aos ideais epistemológicos que buscam uma participação mais ativa dos interlocutores do estudo, bem como um maior destaque às suas vivências e trajetórias, para além de apresentações genéricas e ligeiras encontradas em muitos trabalhos acadêmicos. Por fim, defendemos o uso de resumos biográficos em pesquisas da educação como uma ferramenta analítica-interpretativa e um instrumento de reflexão científica.

Cada entrevistado e entrevistada elucidam em suas experiências vividas verdadeiros universos de sentidos e significados. Ouvir cada relato e remontar às memórias foi uma tarefa extremamente permeada de responsabilidades e inquietudes. Cada interlocutor deixou a sua marca nesta tese e foram fundamentais para as categorizações analíticas que virão a seguir. Antes, explicaremos um pouco sobre as inspirações teóricas para a construção dos tipos ideais sociológicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Sugiro a elaboração de perfis sociológicos, com inspirações de tipo ideal weberiano, a partir das experiências vividas pelos interlocutores entrevistados”. Ouvi essa diretriz do meu orientador durante uma chamada de vídeo: anotei o conselho e balancei a cabeça, sinalizando que aceitei o desafio. A partir de então, durante dias, pensei em como conseguir e quais procedimentos adotar. Não se trata apenas de criatividade e inspiração: categorizar exige um profundo mergulho nos dados para que as ordenações e agrupamentos sejam realizados. Mas como fazer isso? Decidi seguir na íntegra o conselho do meu orientador. Assim, o primeiro caminho instrumental para realização da arrojada missão foi visitar, mais uma vez, o clássico modelo analítico de tipo ideal de Max Weber (1964-1920).

Primeiramente, é necessário destacar que a partir do conceito de tipo ideal, como um dos modelos analíticos possíveis, o cientista social pode destacar elementos empíricos e obter um arranjo parcial da realidade. Trata-se, portanto, de uma ferramenta de aproximação que interliga o real e o não-real, a fim de possibilitar uma análise sociológica.

Ou seja, a partir de recortes de determinado fenômeno social, constrói-se um tipo ideal através do confronto das inter-relações das formas típicas elencadas pelo pesquisador. Assim, é “somente desta maneira, partindo do tipo puro (“ideal”), pode realizar-se uma casuística sociológica.” (WEBER, 1999, p. 12). Diversas críticas já foram feitas ao modelo de análise weberiana. A principal delas, diz respeito ao caráter totalizante e unificador de uma realidade complexa e plural. Contudo, em esclarecimento e resposta, Cohn (1979) advoga que o tipo ideal se trata de um aporte e o cientista parte da sua experiência empírica.

O conceito de tipo ideal é, portanto, um artifício metodológico facilitador da interpretação das ações sociais dos indivíduos. Conforme a necessidade de cada pesquisa, o cientista pode criar vários tipos ideais para o mesmo fenômeno para compreendê-lo a partir de múltiplos pontos de vista. Além disso, os tipos ideais podem combinar-se entre si e, no caso do nosso estudo, um mesmo estudante de origem popular pode apresentar diversas facetas dos tipos ideais que apresentaremos posteriormente.

Desta maneira, cada pesquisador constrói os seus próprios modelos de tipos ideais a partir dos seus arranjos interpretativos e diálogo com outros trabalhos científicos. Por fim, assume-se que uma conceituação ideal, nos moldes weberianos, não é uma descoberta ou uma invenção do pesquisador. É por meio da interlocução dos dados empíricos e teóricos que surgem os tipos ideais. Contudo, as categorias são denominadas por intermédio da subjetividade do

cientista, mas sempre é fundamental reconhecer as influências sociais em todas as escolhas e posturas em uma pesquisa. Considerar essa diretriz de um clássico da sociologia foi fundamental na elaboração dos perfis que veremos adiante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira explicação é que a divisão partiu de três categorias principais, sendo elas: 1. Aspectos econômicos: neste eixo observa-se as condições econômicas dos interlocutores e as suas fontes materiais de subsistência; 2. Fatores psicossociais: Articulando os aspectos sociais, os sentimentos e definições de si mesmos, formulou-se o par que versará sobre esses âmbitos; 3. Posicionamento no campo científico-acadêmico: a partir dos conceitos de Bourdieu de *habitus*, campos e capitais desenvolvemos essa categoria.

Quando eu iniciei a elaboração do projeto de pesquisa, havia um tipo ideal de pós-graduando popular em minha mente, como uma pré-noção. Acreditava que, obrigatoriamente, o mestrando e doutorando, para ser reconhecido como um dos interlocutores do estudo, precisaria estar em uma situação financeira de extrema escassez, por exemplo. Foi por meio dos achados no *locus*, nas entrevistas e com as leituras que percebi que há um perfil social de origem popular, na pós-graduação, que podemos chamar de AMPARADO. Sublinha-se que, para a averiguação de todos os significados, utilizamos a consulta online no Dicionário Aurélio. O termo é um adjetivo que significa “1. escorado em algo, apoiado e 2. que se encontra protegido, abrigado; defendido, resguardado”. Portanto, esse tipo de ator social tem a sua origem na classe popular e carrega as marcas desse pertencimento como: a falta de expressivos recursos financeiros dos pais; limitados capitais culturais, simbólicos e sociais; menor incidência de clareza das regras do jogo acadêmico e baixa incorporação de *habitus* acadêmicos-científicos.

Desse modo, sob o prisma de capital econômico, o estudante popular amparado, embora não tenha a ajuda financeira dos pais ou familiares, obtém uma renda para a sua subsistência e permanência na pós-graduação e não abandona a sua origem popular por isso. Como par dicotômico do amparado, há um perfil social de estudante popular na pós-graduação que agrega a origem social nas classes populares e situações hodiernas de sérias dificuldades financeiras, ausência de bolsa e emprego: esse tipo é o VULNERÁVEL. O adjetivo significa “ferido, sujeito a ser atacado, derrotado: frágil, prejudicado ou ofendido”.

O primeiro perfil do eixo dos fatores psicossociais que destacaremos é o ORGULHOSO. De todos os seis tipos ideais, este foi o mais difícil de nomear em um adjetivo. Narcisista, egóico ou egoísta, qualquer um destes, denotaria um juízo de valor que não expressaria o que a categoria quer dizer. Para a escolha do termo foi fundamental a consulta no dicionário e a comparação com os demais sinônimos. Segundo a consulta no Dicionário Aurélio, orgulhoso é um adjetivo substantivo masculino com dois significados: 1. Que tem orgulho, altivo, brioso e 2. que sente ou demonstra orgulho pelo sucesso obtido por ele mesmo ou por alguém próximo. Em nossa concepção, o estudante popular de origem social com o perfil orgulhoso, em busca de destacar-se e obter o reconhecimento dos demais agentes acadêmicos-científicos, utiliza-se de algumas estratégias para obter uma distinção.

Para tratar, mais especificamente, sobre as relações de visibilidade na pós-graduação é necessário retornarmos ao conceito de *habitus* (BOURDIEU, 2013, p. 481). O sociólogo teve como premissa a análise dos condicionamentos ligados a determinadas conjunturas sociais específicas, produtoras de um “sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” que operam como catalisadores de indução e sistematização de condutas, práticas e representações objetivadas para uma finalidade, sendo instrumentalizadas pelo grupo de pertença do indivíduo.

A primeira vez que eu ouvi que *habitus* é uma estrutura, estruturada e estruturante, confesso que não tive a mínima compreensão do que, no meu olhar leigo, era uma mera repetição desnecessária de palavras. Levou anos, nem sei precisar quantos, para que eu compreendesse que é estruturado pelo passado e pelo presente, continuamente, em âmbitos como a origem familiar e as relações acadêmicas, por exemplo. É estruturante, pois influenciam na moldagem das ações no presente e no porvir. Por fim, é estrutura justamente pela sua composição em um sistema complexo de disposições geradoras de juízos, perspectivas e práticas.

Resumidamente, o campo é um lugar de conflitos, dominações e disputas, com regras do jogo explícitas e implícitas. Na sociedade, existem diversas arenas como as econômicas, políticas, midiáticas, literárias etc. Os campos acadêmicos possuem as suas próprias regras e, por vezes, são atravessados por influências de outros nichos. Os agentes científicos acadêmicos, dentro de seu campo, têm como um dos principais objetivos a incorporação dos *habitus* acadêmicos que incluirá o conhecimento da maior parte das regras: as ditas e as não-ditas. Por hora, deixamos essa sucinta explicação sobre os conflitos, disputas e aprendizados no interior dos campos acadêmicos-científicos.

A origem social é bastante significativa na apreensão de *habitus* no indivíduo. O modo como ele fala, concebe o mundo, se porta, enfim, como estabelece as suas relações cotidianas são conectados com a trajetória familiar, escolar, afetiva, cultural e política de um ator social. O processo é ininterrupto, portanto, em constantes rearranjos e, evidencia-se, que os mestrandos e doutorandos oriundos das classes populares enfrentam diversas barreiras. Destaca-se que dentre os entrevistados, a metade apresentou aspectos ligados ao tipo ideal orgulhoso e, a seguir, versaremos sobre o seu par dicotômico. Dentre eles, configuram-se os de perfil sociológico **RETRAÍDO**.

O termo tem como significado “que encolheu; puxado para trás. que se afastou, que se retirou”. Sobre esses sentimentos nos indivíduos de origem popular, Gaulejac (2014, p. 120) relatou que a vergonha é manifesta sempre como um temor ao olhar do outro, principalmente diante de possíveis críticas, interdições e exigências verbais. As angústias, desencadeadas pela insegurança, desenvolvem-se sobre aspectos morais, boas maneiras e educação, além da aparência física. Assim, diversas pessoas não se envergonham apenas diante de deformidades físicas, mas em virtude da pobreza, raça e baixo nível social.

O último par dicotômico é profundamente ligado ao capital cultural de Bourdieu. Para compreender o conceito é preciso levar em consideração a própria noção de capital que se refere a uma gama complexa de trocas de bens, de diferentes tipos, transformando-se e sendo intercambiados em circuitos inseridos nos diversos campos (BOURDIEU, 2015). Além dos capitais econômicos e financeiros, o autor destacou a existência de capitais simbólicos: codificados como o prestígio e a honra de alguns agentes nos campos sociais. Embora que para fins expositivos os conceitos de *habitus*, campos e capitais sejam separados, é fundamental compreender que na teoria bourdieusiana a tríada está, constantemente, em uma relação de interdependência. Desse modo, a primeira premissa é que, de maneira arbitrária, os *habitus* das classes privilegiadas são considerados superiores e conferem inúmeras vantagens aos possuintes, principalmente no âmbito educacional.

Em segundo lugar, o pertencimento social não é completamente determinante na aquisição de determinados *habitus* que conferem capitais simbólicos para os seus membros. Em todos os campos, existirão graduações do que Bourdieu denomina de *habitus* bem-formados e dos que não possuem (GRENFELL, 2020, p. 137). Como basilar na aquisição de capitais simbólicos, destaca-se o capital social e o capital cultural (e é sobre esse último que versaremos). O capital cultural pode configurar-se sob duas formas: incorporado e objetificado. Na forma incorporada, apresenta-se por meio de dispositivos duráveis no organismo, como o

gosto e o olhar cultivados. Na forma objetificada manifesta-se como bens culturais (quadros, livros, teatros, dicionários etc.).

Sob o aspecto de *habitus*, o capital cultural apresenta-se como disposições e atitudes, como o conhecimento das regras do jogo e conhecimento do cânone. Há ainda o capital científico incorporado (habilidade de utilizar instrumentos, seguir fórmulas ou escrever um artigo científico) e o capital científico objetificado (como laboratórios, equipamentos tecnológicos e obras científicas). Como *habitus* acadêmicos discutimos anteriormente, mas impera-se a resolução de problemas, domínio de técnicas, a busca pelo reconhecimento dos demais agentes e a boa oralidade. Feitas essas definições prévias, destaca-se a existência do perfil social de estudante popular CULTO. Na pesquisa pelo significado, o adjetivo refere ao “que tem muito conhecimento e cultura; instruído”.

Salienta-se, contudo, que a nossa denominação não se liga, diretamente, à noção de cultura. Antropologicamente, defendemos que todos possuem cultura como um conjunto de aprendizados sociais e negamos a noção etnocêntrica de que há povos incultos ou de cultura inferior, por exemplo. O estudante popular culto, na pós-graduação, é aquele que apesar de suas origens sociais desfavorecidas, obteve, ao longo de sua escolarização e relações, bons repertórios de capitais culturais de maneira incorporada ou objetificada. É, portanto, um bom conhecedor das regras do jogo acadêmico e busca, de maneira mais satisfatória, um melhor posicionamento no campo acadêmico-científico. Boa parte dessas aquisições foram construídas na infância e adolescência, por meio de alguma figura influenciadora ou no decorrer das lutas nos campos, como estratégias de distinção dos demais agentes. Todavia, mais uma vez, destacamos que mesmo duráveis, os *habitus* são reconfigurados em processos de bricolagem, durante toda a vida de um indivíduo.

Em contrapartida, de modo antagônico, está o perfil social de estudante popular INCIPIENTE. A palavra significa aquele “que inicia, que está no começo; inicial, iniciante, principiante”. Diferentemente do culto, em virtude, principalmente, da sua origem social desprivilegiada, adquiriu escassos capitais culturais ao longo de suas experiências vividas e, mesmo com a apreensão de alguns *habitus* acadêmicos na graduação, necessita estabelecer mais ações estratégicas para alcançar, minimamente, a permanência na dinâmica dos jogos na pós-graduação.

Finalizamos esse capítulo afirmando que o tipo ideal de pós-graduando de origem popular pode ser aquele indivíduo categorizado como VULNERÁVEL, RETRAÍDO E INCIPIENTE. Contudo, o campo revelou a existência de múltiplas combinações, não apenas entre os agentes científicos, mas nas práticas de um único indivíduo. Ou seja, as definições ambíguas podem se



manifestar em inúmeras possibilidades na travessia dos interlocutores de origem popular na pós-graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada um dos 12 atores sociais entrevistados permitiu, mediados pela linguagem, transmitir vislumbres das significações das suas experiências vividas: não apenas na pós-graduação, mas em suas histórias de vida.

Os agentes de origem popular, na graduação e na pós-graduação, são indivíduos com tramas biográficas únicas, mas ao mesmo tempo com aspectos comuns, ligados às suas classes sociais, às esferas familiares e às políticas marcadas pela exclusão cultural: como é óbvio, disso resulta desigualdades econômicas produzidas e reproduzidas historicamente. Contudo, esses estudantes de origem popular também são produtores de historicidade, ou seja, detêm, de certo modo, a capacidade de intervir em suas próprias narrativas: são atores da própria história.

Em síntese, a partir dessas duas dimensões, mesmo considerando o peso dos determinismos sociais relativos, incluindo as barreiras de classe para uma educação universitária de qualidade, elabora-se uma terceira via inspirada na memória, imaginação e rearranjo pessoal e coletivo, das experiências escolares vividas no passado e dos desafios acadêmicos no presente: os indivíduos são produtores de histórias. A partir dessa tríade basilar, elencamos as principais noções sobre o que é ser um sobrevivente de origem popular no meio ambiente acadêmico.

Superando a dicotomia do social versus o individual, elucidamos que as barreiras das estruturas sociais são invariavelmente tendenciais, mas também são influenciadas e tensionadas pelos atores sociais, especialmente por aqueles historicamente desfavorecidos. Destacamos os limites das concepções de autossuficiência das liberdades individuais, mas enfatizamos também a capacidade dialogal dos indivíduos frente aos conflitos nos campos acadêmicos e sociais. No processo socializador familiar, escolar e universitário, algumas vantagens podem ser conquistadas e algumas lacunas preenchidas.

Dentre as principais táticas, destaca-se os laços e as trocas com os demais atores sociais e com a comunidade de pares, com quem a solidariedade pode ser um exercício cotidiano de sobrevivência na Universidade. E essa solidariedade é experimentada em suas formas cognitivas, materiais ou afetivas, através dos conselhos, livros, equipamentos, pequenos



empréstimos, ajudas financeiras, apoios emocionais, demonstrações de afeto e amizades, namoros, partilhas e camaradagem.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Homo academicus. Tradução: Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle; revisão técnica Maria Tereza de Queiroz Piacentini. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados de capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). Escritos da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 79-89.

GAULEJAC, Vincent de. A neurose de classe: trajetória social e conflitos sociais. São Paulo: Via Lettera, 2014.

GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: vozes; Maceió: EDUFAL, 2013.

MAY, Tim. Pesquisa social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia, ou a teoria vivida”. PortoUrbe, ano 2, versão 2.0, 2008.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Ponto Urbe: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, São Paulo, v. 11, p. 01-13, nov. 2012.

VILAS-BOAS, Sergio. Biografias & biógrafos–jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. Biografismo: Reflexões sobre as Escritas da Vida. São Paulo: Unesp, 2008.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). WEBER, Max. Sociologia. São Paulo: Ática, 2004. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).